



Programa: Fala, Mestre¹
Diogo Franco Veloso²
Douglas GONÇALVES³
Centro Universitário de Volta Redonda, UniFOA, RJ

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência de uma produção radiofônica envolvendo a interação entre professor e aluno. O diferencial desse programa é que a cada edição os professores surpreendem os alunos quando apresentam o gosto musical que cada um tem. Assim, o Fala, Mestre conquistou a audiência dos professores e alunos da instituição e está se transformando em um programa fundamental para integração dos docentes e discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio, Programa, Música, Mestre.

1 INTRODUÇÃO

Em julho de 2011 procurando novas oportunidades para ocupar o tempo vago surgiu a ideia de criar um programa de rádio, a princípio sem objetivo e sem nome, para veicular na Web Rádio UniFOA, foi a partir daí que criamos uma proposta de conhecer melhor os professores através da música.

A próxima etapa foi montar um pré-projeto colocando todas as ideias no papel. Depois de pronto o projeto ficou guardado por um tempo até que comentei com uma colega sobre o tal, e tendo como respaldo a aceitação da mesma, me senti motivado e montamos o roteiro.

2 OBJETIVO

O objetivo central do programa Fala, Mestre foi de estabelecer a interação entre aluno e professor, com o intuito de conhecer melhor os docentes e mostrar para os acadêmicos recém chegados a instituição, montou-se o programa que ainda não tinha nome. Na criação do roteiro contei mais uma vez com a ajuda da minha amiga de sala, Amanda Amaral Souza e Silva.

¹ Trabalho apresentado no Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação realizado em 28 a 30 de junho de 2012.

² Acadêmico do 2º de Publicidade do UniFOA. Aluno Líder



Visando mostrar as experiências já vividas pelos professores, à descoberta de seu gosto musical, de que forma a música o levou para a comunicação ou não o influenciou. Falando de sua infância até os dias atuais, fazendo assim um elo entre passado e presente. E aí surgiu o nome do programa, falando de música, tendo o foco à entrevista com o professor, surgiu o nome “FALA, MESTRE”, porque todo professor, indiferentemente do título que carrega, não precisa ser necessariamente um professor de faculdade, ele é um mestre, uma pessoa que tem por norte.

Assim se deu início ao “FALA, MESTRE”, as primeiras entrevistas e as idas ao estúdio, como éramos alunos do primeiro ano da faculdade nos sentimos perdidos por não saber operar os instrumentos da rádio, mas a partir do contato com os estagiários de outros períodos foi possível criar o “FALA, MESTRE” que veio para ajudar nessa interação entre mestres e alunos.

De acordo com

A entrevista é dos gêneros jornalísticos aquele que mais tem adaptabilidade ao rádio e às características específicas do veículo. É uma das fórmulas mais ágeis para dar a conhecer uma informação ou para aprofundar o conhecimento dos fatos e suas consequências, assim como para aproximar-se da personalidade dos protagonistas das histórias. O autor Emilio Prado (1989) afirma que:

Na entrevista se produz um universo comunicativo muito complexo, no qual intervém a comunicação interpessoal e, portanto, bidirecional, e por outro lado fluxos comunicativos unidirecionais diretos e distintos.

A entrevista, em todos os seus tipos e modelo, é formalmente um diálogo que representa umas das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação - natural da comunicação à nível oral - exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar. (PRADO, 1989, p. 57)

Já com nome e a primeira edição em mãos, tomamos nota da necessidade de se ter uma arte com o nome do programa para colocarmos o programa no ar. Desde o início procurávamos uma arte (Figura 1) que mostrasse a idéia de ensinamento e absorção de ensino, então se pensou em colocar algo como um quadro negro, e como o programa não trata apenas do curso de comunicação social, pegamos vários tipos de

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Publicidade e Propaganda, email: douglaslocutor@hotmail.com



ensinamentos de diversas áreas para serem aplicadas para que a marca abrangesse vários tipos de ensinamentos.



Figura 1 - Arte criada para o Programa Fala, Mestre.

Tendo em vista que a música é reveladora e o programa nos confirmou isso, vendo que a ela realmente teve uma forte influência na vida de cada profissional entrevistado, em alguns casos até fomos surpreendidos por respostas inesperadas.

A primeira entrevista foi realizada com o professor Heitor Luz, já com o roteiro e nome do programa, professor este, do curso de comunicação social. Fomos ao estúdio, sem saber ao certo o que estávamos fazendo, contamos com o apoio do professor Douglas Gonçalves, que nos orientou a respeito da gravação, mesmo sem data definida para ir ao ar, gravamos com entusiasmo. Foi um amor à primeira vista e com uma satisfação imensa e um sentimento de “dever cumprido”, percebemos que poderia dar certo.

"Sempre que possível, faça entrevistas pessoalmente. Elas rendem muito mais quando se está cara a cara com o entrevistado. A conversa flui de forma mais descontraída. Afinal, por telefone, não se vê o rosto da pessoa e a entrevista tende a se encurtar automaticamente. Quando o entrevistado aceita que o entrevistador vá até ele é sinal de que terá tempo disponível o suficiente para valer a pena o deslocamento do repórter". Esse contato direto com o professor foi fundamental para que a entrevista pudesse ganhar um apelo diferente. A autora Magaly Prado (2006) define que:

"Com mais tempo, o repórter pode planejar melhor o que perguntar. Se precisa fazer perguntas delicadas, com grande chance do entrevistado se recusar a responder, pode deixá-las para o final. Assim, no começo ganha confiança fazendo pergunta mais amenas, porém bem formuladas, com ganchos pertinentes. Não se deve formular perguntas bobas só para quebrar o gelo. Apenas deixe os assuntos mais leves para o início; isso já é suficiente para esquentar o bate-papo". (PRADO, 2006, p. 12-13)



Depois desse material gravado, fomos até o laboratório de produção em rádio do Centro Universitário de Volta Redonda UniFOA e é onde João Paulo Cordeiro aluno de Publicidade e Propaganda contribui com esse projeto. Na época ele era estagiário da rádio UniFOA, com a mesma dedicação que eu tive na hora de gravar ele pegou o material, ouvimos, e a edição foi realizada. Ele também foi orientando sobre como funcionavam as ferramentas de edição. Horas depois, estava pronto.

Enfim a primeira edição do “FALA, MESTRE” estava finalizada. Com ela em mãos, corri para mostrar ao professor Douglas Gonçalves e ver qual seria sua reação. Felizmente obtendo a aprovação colocamos no ar e demos continuidade ao projeto, agora muito mais motivados, pois a receptividade que o programa teve na rádio foi surpreendente, tendo o primeiro programa alcançado mais de cem acessos e alguns downloads. Assim, nos vimos na obrigação de produzir mais. Na mesma semana marcamos com mais dois professores que foram: Eduardo Jorge e a Aline Andrade. Gravamos com ambos obtendo duas entrevistas com conteúdos completamente diferentes e foi aí que começamos a ver que realmente aconteceria uma interação professor-aluno, porém mais que isso, havia também uma interação entre os professores. Gravamos as duas entrevistas, editamos da mesma forma que o primeiro, e lançamos o segundo programa na sequência e a aceitação do público foi um tanto quanto satisfatória, até maior que o primeiro. Por diversas vezes fui abordado nos corredores da faculdade por alunos de vários períodos diferentes, sempre me perguntando se era eu quem fazia o programa e me indicando algum professor para ser o próximo entrevistado. Fiquei e até hoje fico muito feliz com esse carinho e essa aceitação, afinal de contas eu era apenas um aluno do primeiro ano e já queria me meter na rádio. Os alunos mais antigos aceitaram e mais, acreditaram no programa e continuaram dando ideias e indicações de entrevistados. Concordamos assim com McLeish (2001) quando ele define que:

O rádio funciona bem no mundo das ideias. Como um meio de promover a educação, ele se destaca com conceitos e também com fatos. Seja ilustrando dramaticamente um evento histórico, seja acompanhando o pensamento político atual, serve para veicular qualquer assunto que possa ser discutido, conduzindo o ouvinte, num ritmo predeterminado, por um conjunto de informações. Para apreciar a música e ensinar línguas, o rádio é ideal. É claro que lhe falta a capacidade de demonstração que a televisão possui, além da ausência de diagramas e gráficos – informações numéricas –, mas com o apoio das anotações de um instrutor mesmo essas limitações podem ser superadas. (MCLEISH, 2001, p. 19)



Juntando as ideias dos ouvintes, gravamos com os professores Dario Aragão e Edilberto Venturelli, seguindo o mesmo caminho e passando sempre pela aprovação do professor responsável pelo laboratório de rádio. A receptividade ao longo desses seis meses foi sempre satisfatória, nos levando a marcar novas entrevistas e a continuar com o projeto.

Novas propostas surgiram. Neste ano de 2012 o público irá participar do programa enviando suas perguntas que serão lidas no ar, o autor da pergunta mais criativa receberá um prêmio e mais adiante um projeto audiovisual, adaptando todo o conteúdo de uma forma mais televisiva e interativa para todos.

3 MÉTODOS

O programa é desenvolvido pelo método de entrevista, onde entrevistado e entrevistador interagem de forma espontânea e clara, dando a ideia que é apenas uma conversa informal e que o ouvinte está, de certa forma, participando. Sendo assim, concordamos com PRADO:

A entrevista é dos gêneros jornalísticos aquele que mais tem adaptabilidade ao rádio e às características específicas do veículo. É uma das fórmulas mais ágeis para dar a conhecer uma informação ou para aprofundar o conhecimento dos fatos e suas consequências, assim como para aproximar-se da personalidade dos protagonistas das histórias.

Na entrevista se produz um universo comunicativo muito complexo, no qual intervém a comunicação interpessoal e, portanto, bidirecional, e por outro lado fluxos comunicativos unidirecionais diretos e distintos.

A entrevista, em todos os seus tipos e modelo, é formalmente um diálogo que representa umas das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Produz-se uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador, fruto do diálogo. Esta interação - natural da comunicação à nível oral - exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar.

Durante o desenvolvimento do programa a intenção é que o entrevistado conte suas histórias, fazendo dele a parte principal da entrevista. Concordamos assim com os autores ORTIZ e MARCHAMALO.

Segundo Emili Prado, de todos esses recursos, a entrevista é o gênero jornalístico que apresenta maior adaptabilidade ao meio radiofônico e, portanto, vem a ser um dos formatos mais ágeis para divulgar a informação (PRADO, 1985, p.87). É lógico, pois, que seja um dos recursos sonoros mais usuais dos jornais falados.

A entrevista informativa possibilita que sejam selecionados, na montagem, aqueles aspectos de maior interesse para a informação. Emili Prado indica, entre outras, as seguintes normas essenciais para



efetuar a entrevista e para que seja útil do ponto de vistas da realização.

- Brevidade, clareza e concisão nas perguntas.
- Não monopolizar o microfone e permitir que o entrevistado fale.

- E, finalmente, deixar um intervalo suficiente entre pergunta e resposta, para facilitar o processo posterior de montagem. (ORTIZ e MARCHAMALO, 1984, p. 117-118)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De alguma maneira o programa Fala, Mestre conseguiu surpreender já que desenvolvemos o projeto ainda no primeiro ano da faculdade. Sempre é importante ter novos desafios na área em que estudantes e encontramos no rádio uma opção para ampliar o leque de trabalhos que podemos desenvolver. Esse programa conseguiu fazer uma possível aproximação dos professores, que também ficaram surpreendidos com a produção ainda no início do curso.

Diferentemente do disco que tocamos ou do livro que pegamos em casa, escolhidos para satisfazer a preferência e as emoções do momento, a música e a locução no rádio são selecionadas para nós e podem, se permitirmos, mudar nosso humor e nos arrebatar. De repente deparamos com coisas novas e desfrutamos de um encontro com o inesperado. O rádio surpreende. Os radialistas são tentados a pensar em termos de uma formatação própria para o rádio, em que o conteúdo se encaixa exatamente entre limites estreitamente definidos. Isso possibilita uma coerência, permitindo ao ouvinte receber o que ele espera ouvir, razão pela qual ele provavelmente ligou o rádio. Mas esse veículo pode também dar oportunidade à inovação e à experiência – um risco que os produtores devem correr, para que essa mídia nos surpreenda de uma forma criativa e estimulante. (MCLEISH, 2001, p. 19-20)

Finalizamos essa apresentação querendo sempre explorar veículos como o rádio, principalmente envolvendo produção que explorem a criatividade de cada aluno, assim, iremos conhecer teoria e prática para sermos profissionais éticos e diferenciados.



5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MCLEISH, Robert. Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. [tradução Mauro Silva] São Paulo: Summues, 2001. (Novas buscas em comunicação v. 62)

PRADO, Emilio. Estrutura da informação radiofônica. São Paulo. Summus 1989.

PRADO, Magaly. Produção de rádio: um manual prático. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.